



## **Associação de Leitura do Brasil: pioneirismo na formação de leitores**

**Ezequiel T. da Silva**  
**Por Maria Antonieta Pereira**

*Ezequiel T. da Silva é professor colaborador voluntário junto à Faculdade de Educação/Unicamp, Grupo de Pesquisa ALLE (Alfabetização, Leitura e Escrita). Presidente da Associação de Leitura do Brasil (biênio 2007-2008). Foi Secretário Municipal de Educação de Campinas e Diretor Executivo da Editora da Unicamp. Possui vários livros publicados sobre as relações educação/leitura.*

*Maria Antonieta Pereira é Coordenadora Geral do Programa A tela e o texto.*

**Revista txt - Nos dias 17 e 18 de dezembro de 1981 ,foi realizada em Campinas a primeira reunião da Associação de Leitura do Brasil (ALB). De lá para cá, quais foram as principais contribuições da ALB para a elevação do índice de leitura do país?**

**Ezequiel T. da Silva -** Acredito que a maior contribuição da ALB para com as coisas da leitura nacional resida numa primeira e forte "chamada de atenção" para as necessidades dessa área. Além disso, pioneiramente, a entidade organizou um evento forte a respeito da leitura na escola, que veio a se

chamar COLE (Congresso de Leitura) e que hoje se apresenta como o principal fórum de debate e discussão daquela temática. A Revista "Leitura: Teoria e Prática", já no seu nº 51, é o único periódico brasileiro que tematiza exclusivamente assuntos e aspectos relacionados à leitura. Certamente que existem muitas outras contribuições de muito destaque, mas que decorrem das aqui citadas.

**"Depois de 30 anos de COLE e 27 de revista Leitura: Teoria & Prática, percebemos transformações no panorama cultural brasileiro." Essa afirmativa abre o histórico da Associação Brasileira de Leitura. Quais seriam as principais transformações que você percebe nesse âmbito?**

Entendo que existe uma preocupação maior a respeito do próprio desafio em formar ou produzir leitores que acompanhem e sustentem o desenvolvimento brasileiro no tempo. Não podemos jamais negar que houve um amadurecimento do processo de democratização de nosso país, com a ascensão de outras classes sociais às riquezas do país. Outrossim, aumenta o acesso à escola, abrem-se promissoras perspectivas para a continuidade dos estudos, profissionalização, etc. - tudo isso envolve a leitura, aqui tomada como uma prática fundamental à aprendizagem, à participação social e ao desempenho escolar.

**No site da ALB, podem ser encontradas diversas possibilidades de interação por parte de educadores preocupados com a questão da leitura. Na sua opinião, esse site tem sido um espaço de formação de educadores, inclusive como leitores da atualidade?**

Hoje o site da ALB recebe mais de 8.000 visitas por dia, o que aponta para um acerto no que se refere aos seus conteúdos, serviços e ferramentas de interatividade. Queremos que esse espaço virtual aglutine os mediadores de leitura (professores ou não) no sentido de aprendizagens recíprocas, debates, discussões e principalmente da construção de conhecimentos que possam ser aplicados na melhoria do ensino da leitura nas escolas. Sem dúvida que o site constitui, hoje, um espaço de formação continuada dos educadores brasileiros, tendendo a se expandir cada vez mais com o passar do tempo.

**A revolução da informática exige diferentes competências, em termos de leitura e de escrita. Como essa situação interfere na capacitação dos próprios educadores? Eles estão sendo preparados de forma eficiente pelas universidades?**

Sem dúvida que existem vários programas universitários voltados para o desenvolvimento de competências para navegação na Internet e para usufruto das conquistas da informática. Eu particularmente, aqui na Unicamp, conheço múltiplas iniciativas nessa direção. Não tenho dúvidas de que os

circuitos de envolvimento e participação dos professores no universo virtual vão crescer velozmente em todos os países e o Brasil não será exceção. Tenho defendido a idéia de que os professores, para não viverem o anacronismo, devem buscar a capacitação em informática o mais rapidamente que puderem, sob o risco de se transformarem em profissionais obsoletos e fora do seu tempo.

**O Congresso de Leitura do Brasil (COLE) seguramente é um dos mais importantes fóruns de debate e capacitação de educadores do país. De seu ponto de vista, quais foram as principais conquistas realizadas pelo COLE, ao longo de seus 16 anos?**

Existem muitos subprodutos dos COLEs que sequer imagino... mas, para mim, creio que a principal conquista diz respeito ao evento em si mesmo em termos de sua manutenção no tempo desde 1978, sempre com público crescente e conseguindo manter uma atmosfera prazerosa para aqueles que dele participam. O COLE é, hoje, um dos principais acontecimentos culturais do Brasil, já constituindo uma tradição muito esperada pela comunidade. As conferências nacionais e internacionais, os seminários paralelos que variam de 16 a 20, os shows artísticos, a feira de cultura e arte, etc. - tudo isso produz uma ambientação propícia para a educação permanente e a troca de experiência entre os participantes de todo o país. Vale lembrar que o 16º COLE, realizado em 2007, reuniu e apresentou mais de 2500 trabalhos - uma marca razoável, me parece.

**Como presidente da ALB, você participa ativamente dos debates nacionais sobre a formação de leitores. Como você analisa as grandes dificuldades ainda existentes nessa área?**

Não tenho participado muito porque a política nacional em prol da leitura anda meio descosturada há tempos, sem uma discussão democrática envolvendo as entidades existentes dentro da sociedade civil. Fala-se muito sobre o livro e sua distribuição, mas discute-se pouco a leitura. Eu já afirmo que as ações para superar os problemas acumulados no tempo na esfera da leitura caminham do medonho ao sem-vergonha. Por vezes, são tantas as mazelas que parece haver um diálogo entre surdos, com os programas patinando no mesmo lugar. Talvez a gente vença as dificuldades pela insistência, não sei!

**Você considera que os educadores contemporâneos estão mais preparados para formar leitores do que os educadores dos anos 80, geração que redemocratizou o Brasil e lutou para democratizar a leitura, inclusive fundando associações como a ALB?**

Não, de jeito nenhum, no meu ponto de vista, o país regrediu muito em termos de cuidado e zelo na formação dos professores.

A produção teórica cresceu muito; a educação dos educadores diminuiu muito. Com isso, impõe-se um esforço imenso na esfera de leiturização docente de modo que o professor exale entusiasmo por leitura a seus alunos e, ao mesmo, utilize metodologias adequadas em suas salas de aula. Sempre acreditei que o principal fator na formação de um leitor é o professor e não o método e nem as circunstâncias de produção da leitura num determinado contexto. Professor-leitor é condição sine qua non para a melhoria da leitura no ambiente escolar.

**Como a ALB analisa a questão específica do analfabeto funcional, em termos de causas e conseqüências para os indivíduos e a nação?**

O analfabetismo funcional é uma vergonha, uma chaga que carregamos enquanto Nação. Percebo esse tipo de problema como uma marcha-a-ré, como um andar para trás, jogando pela janela os investimentos feitos numa pessoa, bem como as competências aprendidas do ler-escrever. É um sinal de que os governos muitas vezes não proporcionam condições concretas para que uma iniciação à leitura-escrita se mantenha e se enraíze socialmente, levando as pessoas a vivenciarem práticas de utilização da palavra escrita e se aprimorem em termos de letramento.

Belo Horizonte, 30/09/2008.